

A Eterna Luz de Larantis

Larantis é uma cidade repleta de atrativos. Situada a mais de cem quilômetros abaixo da superfície, é uma das maiores obras do povo de Yulun — um planeta oceânico em órbita da estrela Canopus. Essa espécie anfíbia construiu poucas cidades nas ilhas que pontilham a superfície do planeta, todas tecnologicamente desenvolvidas, mas é em sua capital, Larantis, que repousa a verdadeira esmeralda do mundo aquático.

Com uma população superior a seis milhões de habitantes, Larantis oferece tudo o que se espera de uma metrópole grandiosa. Suas amplas vias funcionam como vastas praças submersas, projetadas para o deleite e a convivência harmoniosa de seus cidadãos. A cidade encontra-se protegida sob uma imponente cúpula de vidroaço — um material transparente, resistente e capaz de suportar a imensa pressão das profundezas. O odor pungente de oceano estava sempre presente, e as luzes amareladas da cidade davam-lhe novas nuances, especialmente para os recém-chegados.

Embora sejam exímios nadadores, adaptados à vida escura dos abismos oceânicos, os yulung não resistem às pressões extremas das camadas mais profundas. Sensíveis à luz, seu modo de vida floresceu em ambientes de baixa luminosidade, moldando uma civilização voltada para a paz, o conhecimento e o progresso.

No entanto, essa realidade tranquila nem sempre foi a regra.

Até pouco mais de duas décadas, Yulun vivia sob uma monarquia autoritária e marcada por corrupção. Com um discurso tradicionalista e supostamente defensor dos valores nativos, a monarca Mungalva Dosmares governava com mão de ferro. Mesmo já possuindo tecnologia para viagens interplanetárias e duas colônias fora do planeta — consideradas domínios particulares da família real —, o regime recusava qualquer tipo de contato diplomático com outras civilizações. Essa imposição de isolamento trouxe inúmeros prejuízos ao povo, ao passo que a rainha, despótica e manipuladora, concentrava poder e riqueza, alimentando uma insatisfação crescente entre os habitantes.

Entretanto, nem todos aceitaram tal condição de forma passiva. Ideias de um novo planeta começaram a germinar, especialmente entre os mais jovens: um Yulun onde o próprio povo pudesse trilhar seu destino, guiado por ideais de equidade e progresso. O que inicialmente era subversão aos olhos da realeza transformou-se na semente de uma mudança radical na vida de todo o planeta.

Mesmo com a movimentação constante das correntes marinhas e a chegada de novas ondas de pensamento, Larantis seguia em expansão. O Castelo dos Dosmares, no coração da cidade, era não apenas a residência da família real, mas o maior símbolo da opressão vigente. Próximo dali, a Praça dos Construtores homenageava os trabalhadores que ergueram a capital com esforço incansável. Esse mesmo espaço tornou-se palco de intensas manifestações e, por vezes, de confrontos violentos entre os jovens revolucionários e os defensores da monarquia.

A capital, no entanto, não era feita apenas de política. Muitos yulungs chegavam a Larantis em busca de uma vida melhor, deixando para trás as cidades do interior, distantes e isoladas, ou mesmo suas modestas existências nas ilhas do arquipélago. Larantis era também símbolo de oportunidade, trabalho e, não raramente, de desilusão.

Longe do centro glamoroso da cidade, onde prédios de concreto e vidro chegavam bem próximo da cúpula, localizavam-se os setores mais pobres, compostos por conjuntos de habitação destinados à população de renda mais baixa. Ali, praças arborizadas contrastavam com pequenas casas e apartamentos. Foi nesses lugares que o ideal de um governo popular começou a tomar forma. Entre jovens universitários, desempregados e marginalizados das periferias mais distantes, o sonho de uma nova ordem social ganhou corpo.

Surgiram líderes — alguns desconhecidos, outros nem tanto — que organizaram a revolução. O movimento popular, radicalizado em algumas vertentes, atacou diretamente o castelo e depôs a família real, impondo uma ameaça direta que não pôde ser ignorada. A monarquia não foi derrotada em batalha, mas sucumbiu ao medo. Acuados, os Dosmares refugiaram-se em seus palácios distantes; não vencidos, apenas escondidos.

Com isso, o Governo Popular ascendeu ao poder. Seu presidente foi escolhido, embora a sombra da ameaça monarquista ainda pairasse sobre o novo regime. Extremistas da antiga ordem, inconformados com a perda de seus privilégios, tramavam sua revanche. Ocultos nas profundezas da sociedade, preparavam-se silenciosamente para um possível retorno.

Assim, Larantis seguia em frente, e com ela, o planeta Yulun carregava os ecos de sua história recente, marcada por sonhos de liberdade, lutas por igualdade e o desejo constante de um futuro construído por seu próprio povo.

— Vamos, minha querida, senão vou me atrasar! — reclamou Arundia, já pronta para sair para o trabalho, muito antes de sua filha, Vendya, que mais uma vez se atrapalhava para ir à faculdade.

Arundia vivia em um pequeno apartamento na região oeste de Larantis, um bairro popular, habitado por uma classe média baixa composta por pessoas simples e trabalhadoras que apenas desejavam uma vida tranquila. Vendya, sua única filha, havia recém-ingressado na Universidade de Larantis. Estudava Engenharia Civil, era aplicada e motivo de grande orgulho para a mãe — a primeira da família a seguir esse curso.

Arundia, por sua vez, era secretária. Mas não uma secretária comum: falava fluentemente os oito principais dialetos do planeta, o que a tornava uma profissional extremamente valorizada. Atualmente, era a secretária pessoal do novo Presidente de Yulun, Hathas Alvionre.

— Menina, por todos os oceanos, não há um dia em que você não se atrase? — exclamou Arundia, já impaciente, caminhando de um lado a outro pela pequena sala.

Enquanto andava, lançava olhares ansiosos aos móveis. Em breve, com o aumento de salário prestes a ser oficializado, ela já vislumbrava um novo apartamento, mais próximo ao Palácio Governamental — outrora o Castelo dos Dosmares. A vida estava prestes a mudar.

— Tô pronta! Tô pronta! — anunciou Vendya, surgindo de repente. — Vamos, vamos! — puxando a mãe pelo braço ao sair e trancando a porta com pressa. — Deixa comigo

hoje, mãe. Preciso do aquomóvel. Tenho uma entrevista de estágio no centro. Tudo bem? — disparou Vendya, já ao volante.

A jovem, de pele verde-clara salpicada de manchas negras, lembrava Arundia em seus tempos de juventude: energia sem fim, determinação aflorando em cada gesto. Seus olhos pretos e profundos pareciam sempre acompanhados por cardumes invisíveis, tal a intensidade com que se moviam. E falava com as mãos, muito, como se cada frase precisasse ser pescada no ar.

— E o que posso fazer, não é? Vá com o aquomóvel, mas saiba, mocinha, que você vai ter que me buscar na hora que eu ligar. Não vou ficar esperando transporte público a vida inteira. Quero chegar cedo em casa! — avisou Arundia, firme.

— Claro, mãe! Assim que sair da entrevista, vou pro parque ali perto e fico esperando sua ligação — garantiu Vendya.

— Acho bom!

A manhã seguia tranquila no trânsito de Larantis, onde aquomóveis deslizavam pelas aeroestradas suspensas, acima das ruas arborizadas e floridas por onde a população caminhava apressada. Já fazia cinco dias desde os últimos pequenos tremores que haviam balançado a capital. Nada fora do comum: o leito oceânico de Yulun era instável, e as ondas sísmicas, embora constantes, raramente causavam danos relevantes. Era parte da experiência de se viver em uma cidade submersa.

Vendya deixou a mãe na entrada do Palácio do Governo, desejando-lhe um bom dia antes de partir apressada para a autoestrada elevada que levava à Universidade, na região norte da cidade.

— Menina atrapalhada — murmurou Arundia com um sorriso, enquanto subia os degraus da imponente construção. — Bom dia, Evol — cumprimentou o chefe da guarda do palácio, que fazia a ronda naquela manhã.

— Bom dia, Arundia. O chefe já chegou — respondeu ele, cordial.

Arundia apressou o passo. Não estava atrasada, mas saber que o presidente havia chegado antes dela sempre a deixava inquieta. Era sua responsabilidade estar à frente. E havia tanto a organizar: o grande dia se aproximava.

Hathas Alvionre não dormira. Às quatro da manhã, ainda tentava finalizar seu discurso de adesão. Em pouco mais de dois dias, embaixadores, governantes e celebridades estariam em Larantis para oficializar a entrada de Yulun na União dos Planetas Confederados.

Quatro anos antes, Canopus — como os estrangeiros chamavam Yulun — havia se aliado aos planetas do Núcleo na guerra contra a Armada Veneno, que saqueava e destruíra mundos inteiros. Desde então, uma ponte diplomática fora construída, graças ao esforço incansável do embaixador canusiano Zustras Askro. No início, Hathas recusara o convite para ingressar na UPC. O planeta ainda precisava se reorganizar internamente após décadas de monarquia autoritária. Mas, ao longo dos anos, e com o apoio direto do

presidente da UPC, Plínio Chartô, as coisas mudaram. Plínio tornara-se um amigo. Um verdadeiro aliado. Jamais deixou de ajudar o povo de Yulun, oferecendo caminhos, conselhos e esperança. Sua morte recente foi uma perda sentida — Hathas chorou com sinceridade.

Agora, coube ao vice de Plínio, o goodlesiano Gabriel, concluir os planos de adesão. Yulun seria parte de algo maior. Hathas sabia disso. E queria expressar essa gratidão com as palavras certas.

Por volta das seis da manhã, já tinha algo escrito, embora soubesse que seu amigo e embaixador Alexander Bloop talvez pudesse fazer melhor. Mas Alexander estava longe, vindo de Hedén, capital da UPC, no planeta Goodles.

Vestiu-se e tomou um desjejum rápido. Morava sozinho, a cerca de dois quilômetros da sede do governo. Nunca se casara — não com uma yulung. Casara-se com as ideias do novo regime. Sua rotina era repleta de protocolos, relatórios, decretos e notícias. Não possuía motorista; dirigia seu próprio aquomóvel, apesar dos insistentes alertas de Evol, chefe de sua guarda.

Ao entrar no palácio, o silêncio era quase opressivo. Aquele lugar sempre lhe causava calafrios. Sentia como se as paredes — de pedra, metal e vidro fosco — ainda carregassem os ecos da antiga opressão. *Será que morreria ali?* — pensou enquanto atravessava o salão principal.

Sentou-se à imensa mesa de coral verde-azulado de seu gabinete. Arundia ainda não havia chegado, mas ele não se incomodou. Sabia que era cedo. Permitiu-se, por um momento, observar a cidade além da vidraça, como se quisesse encontrar ali a inspiração que lhe faltava.

Ligou a tela de notícias. As manchetes, previsíveis: os Monarquistas da Real Canopus, grupo extremista que mantinha o novo governo sob constante alerta. Ainda ocorriam tumultos nas cidades da superfície e em regiões submersas mais afastadas, próximas aos antigos redutos da família Dosmares. Suspirou e voltou à tarefa de escrever, mas se dispersou e ligou para seu amigo de faculdade.

— Alexander, bom dia! — cumprimentou Hathas, animado.

— Hathas, meu amigo, acordado tão cedo? — perguntou Alexander, sorrindo do outro lado da linha. Suas pequenas barbatanas e a pele escamosa em tons de verde e azul-claro destacavam-se sob a iluminação artificial. Seus olhos, menos escuros que o habitual entre os yulung, brilhavam com vivacidade.

— Pela força da Presença! Acordei você! Como posso ser tão descuidado? — Hathas ficou constrangido. Quando nervoso, estalava os longos dedos de forma involuntária.

Alexander riu.

— E quem disse que consigo dormir bem neste planeta? É luz por todos os lados. Dia e noite uso óculos protetores. O sol aqui brilha mil vezes mais forte. E aonde vou, há cristais, luzes, reflexos... Estou quase seco. Sinto falta das águas geladas de casa, meu amigo. Mas estamos nos preparando. A nave diplomática já está pronta. A Chanceler das

Embaixadas e outros diplomatas viajarão comigo. Um capitão experiente cuidará de nossa segurança. Fique tranquilo e escreva seu discurso. Este será um dia histórico para Yulun.

— Estou nervoso. Falar ao nosso povo, sim, estou acostumado. Mas diante de estrangeiros... Farei o meu melhor. E obrigado por atender. Ver um rosto conhecido nesta hora me acalmou. Grande abraço. Te vejo em dois dias.

Hathas encerrou a chamada. Aliviado, sentiu a mente mais leve. As palavras começaram a fluir com mais naturalidade.

Yulun inicia uma nova história — uma história que ecoará no coração e na vida de nosso povo...

Surion chegava ao jornal às sete horas da manhã. O *Amanhã Yulun* era um dos veículos de comunicação mais respeitados da capital — e do planeta — e, naquela semana decisiva, cabia a ele cobrir o evento mais importante da história recente de Yulun: a assinatura de adesão à União dos Planetas Confederados. Para Surion, era mais que uma pauta: era uma oportunidade. O seu momento. Se desempenhasse bem seu papel, poderia finalmente sair das ruas e assumir, de vez, o posto de âncora no telejornal. Sabia que era um teste e estava determinado a superá-lo.

Sentou-se à sua mesa e começou a traçar o esboço de seu dia. Precisava ir a campo: levantar informações, confirmar locais, apurar nomes de convidados, antecipar os discursos oficiais. A cidade de Larantis já se agitava em preparação; os letreiros luminosos no alto dos prédios eram um chamariz para os visitantes, como mariposas atraídas pela luz. Restaurantes emanavam aromas de todos os tipos, alguns já conhecidos, outros oferecendo experiências gastronômicas alienígenas únicas. Naves diplomáticas cruzavam o espaço vindo de planetas da UPC, jornalistas estrangeiros chegavam aos montes, e o povo de Yulun, curioso e empolgado, se espalhava pelas ruas. Tudo deveria ser registrado. Seria um dia intenso.

— Vamos, Ruper! Temos muito o que fazer. Precisamos de imagens, depoimentos... e vamos começar cedo! Quero estar na Praça dos Construtores antes do pico de movimento. Vamos entrar ao vivo no jornal do almoço. Se mexa, rapaz! — apressou Surion, como de costume, em um ritmo que beirava o exaustivo.

— Fazer o quê, né... Vamos ao trabalho — Ruper deu um último gole no chá, cinegrafista fiel e paciente, já habituado à energia muitas vezes contagiante — e às vezes esgotante — de seu colega.

Enquanto Ruper conduzia o aquomóvel pela via principal em direção à praça, Surion rabiscava observações em seu caderno digital. Um leve tremor sacudiu o veículo durante o percurso. *Mais um*, pensou ele, levantando os olhos. *Estão ficando mais frequentes*. Olhou para cima, para além da cúpula de vidroaço que envolvia a cidade. Criaturas colossais — os Leviasal — deslizavam majestosamente rumo ao sul. Raramente se viam tão perto da capital. Um presságio?

Um veículo atravessou inesperadamente à frente do aquomóvel. Rupert freou bruscamente, soltando um palavrão abafado enquanto o impacto jogava Surion contra o painel.

— Calma, jovem! Quero chegar inteiro! — protestou o jornalista.

— Eu também! Mas essa aí estava completamente fora de si. Quase nos atingiu! — Rupert, indignado deu um tapa no volante, retomando o controle do veículo.

Poucos minutos depois, estacionaram na área reservada aos veículos de imprensa, próximo ao núcleo central da praça. Enquanto Rupert ajustava os equipamentos de transmissão, Surion iniciou as entrevistas. Seu jeito de andar — com o pé direito levemente virado para fora — era conhecido entre os colegas, que jamais perdiam a chance de fazer piadas sobre seu "passo de arraia". Mas o mesmo pé que lhe causava esse cacoete era, paradoxalmente, o responsável por sua fama nas competições de natação escolar. Nenhum yulung o vencia na  gua.

— E o que a senhora acha de Yulun fazer parte de uma organiza o galáctica como a UPC? — perguntou a uma senhora apressada, uniformizada, que carregava uma bandeja com chá de til.

— Acho maravi... maravilhoso! É uma oportunidade única para nosso planeta e nosso povo — respondeu rapidamente, tentando continuar sua travessia.

— Vejo que trabalha para o governo, não? Estão todos animados com o evento?

— Sim, sim! Muito animados! Estamos preparando uma grande festa. Esperamos todos na praça! — acenou, já se afastando.

Arundia não estava com sorte naquela manhã. Saiu às pressas do Palácio com a bandeja em mãos. Era apenas para buscar o chá do Presidente e acabou interceptada por um repórter.

A moviment o na cidade aumentava. As ruas ganhavam cores e sons novos. Bandeiras tremulavam, estandartes reluziam e em cada esquina surgia algo novo. Os visitantes se destacavam: antarianos de longos cabelos dourados e olhos multicoloridos, goodlesianos com suas impressionantes asas cheias de penas, capelinos de cabelos prateados e fei es serenas. Uma diversidade que encantava Arundia, despertando nela um fascínio inesperado. *Quanto mais estariam espalhados pela galáxia? Quanto mundos por descobrir?*

De volta ao Palácio, entrou no elevador e subiu ao 12  andar. Bateu na porta do gabinete presidencial.

— Pode entrar, Arundia. Bom dia! — soou a voz de Hathan l  de dentro.

— Bom dia, Presidente. Seu chá. — Arundia estava impecável em seu uniforme oficial. Seus longos cabelos loiros estavam presos em um coque disciplinado — um traço incomum entre os yulungs, mas que, junto à sua pele azulada e escamosa, compunha uma imagem singular.

— Meu discurso está pronto — apontou para os papeis na mesa dando um gole no chá.

— Como estão os preparativos para o jantar?

— Dentro dos prazos. Amanhã começam a montagem do salão. O senhor ainda precisa provar a roupa de gala e assinar alguns documentos. Também está agendado um almoço com empresários antarianos e capelinos interessados em propostas de cooperação. À tarde, há a inauguração de duas novas escolas e, à noite, um jantar com o presidente do legislativo, Etrin Junklar.

— Certo. Vamos aos deveres, eles não esperam.

— Ah, mais uma coisa, senhor presidente. O chefe das Forças Armadas deseja uma audiência ainda esta manhã. Diz que é um assunto sério. Marquei para daqui a meia hora.

— Fez bem, Arundia. Obrigado pelo cuidado.

— Por nada. Qualquer coisa, estarei por perto.

Arundia o observava em silêncio. A lixeira ao lado da mesa denunciava a quantidade de rascunhos descartados. A dispersão constante de Hathas cobrava caro de sua mente — ele sabia o que queria dizer, mas nem sempre conseguia encontrar o como. Ela o acompanhava com olhos atentos, como uma mãe que vê o filho dar os primeiros passos. E, de certo modo, era exatamente isso. Aqueles eram os primeiros passos de um novo governo, de um novo tempo.

Hathas nunca buscou o poder. Estava na universidade, cursando biologia, quando foi tragado pela maré da revolução. Lutava por justiça, por equidade, por dias melhores. Participava de reuniões clandestinas, elaborava planos, dava ideias — algumas, impulsivas. Foi numa dessas ocasiões, inflamado pela frustração, que falou em voz alta: “Devíamos invadir o castelo e derrubar essa farsa de trono.” Era bravata. Mas seus companheiros ouviram ali uma estratégia. E puseram-na em prática.

O braço armado da revolução atacou. Invadiram o Castelo dos Dosmares. Mataram, espancaram, ameaçaram — até mesmo os mais inocentes. Crianças. Uma avó. A rainha, acuada, fugiu com a família para suas terras no interior. A monarquia caiu. Não como Hathas imaginara, mas caiu.

Hathas só acreditou ao ver os portões escancarados. A realidade veio como uma onda gigante: avassaladora, irreversível. Em meio à euforia, foi eleito o primeiro presidente do Governo Popular de Yulun.

— Aceite — dissera Alexander, seu amigo e conselheiro. — Você é o mais equilibrado entre nós. E eu estarei ao seu lado.

E ele aceitou.

Agora, sentado à mesa de coral, enfrentava os frutos de sua escolha. A porta se abriu.

— Senhor Presidente — anunciou o general com semblante grave —, nossa inteligência confirma indícios de um ataque iminente por parte dos membros da Real Canopus. Há fortes sinais de que pretendem atingir o senhor ou a sede do governo. A rainha vem incentivando seus aliados a tomarem medidas mais agressivas. Acreditamos que o ataque pode acontecer em breve.

Hathas se recostou na cadeira. A notícia não o surpreendia.

— Eu entendo. Nada pode acontecer agora, General. Não durante este momento histórico. Seria uma tragédia. Reforce a segurança da capital. Assim que tudo for assinado, vamos tomar providências diplomáticas. Vamos convocar a Rainha para negociar. Ninguém precisa sair ferido. Podemos resolver isso pacificamente.

— Como desejar, senhor Presidente — com uma continência o general retirou-se.

Hathas permaneceu só. A mente girava. Admirou novamente pela vidraça, a cidade viva que pulsava além da cúpula. *Não podemos mergulhar em uma guerra civil. Não agora. Não quando estamos tão perto.*

O dia finalmente chegava ao fim — e com ele, um fato inusitado: seis tremores haviam sido registrados ao longo das últimas doze horas. Um recorde.

— Foi um dia tumultuado na Praça dos Construtores, com os preparativos para a cerimônia de adesão de Yulun à União dos Planetas Confederados. Pessoas de todas as regiões do planeta já começam a chegar à capital — narrava Surion, encerrando sua matéria no jornal noturno com a segurança de um veterano.

Estava satisfeito com seu desempenho. Ainda permanecia na redação, mesmo com a noite avançando. Preparava-se para a cobertura ao vivo no dia seguinte. Antes, no entanto, precisava passar no apartamento para buscar a roupa de gala, mandar lavar e ainda depositar o pagamento do aluguel. Caso contrário, corria o risco de se tornar o primeiro repórter despejado da história do *Amanhã Yulun*.

No Palácio, a noite também se estendia. Arundia entrou na sala presidencial, onde Hathas ainda se reunia com um grupo de cientistas, cercados por gráficos, projeções holográficas e equipamentos de medição.

— Arundia! Mil desculpas. Já passou muito do seu horário — assustou-se Hathas ao ver as horas no relógio decorativo em forma de peixinhos — presente da mãe, aliás, e que nunca deixava de chamar a atenção.

— Se quiser, posso ficar um pouco mais, senhor Presidente.

— Não, de forma alguma. Vá para casa, jante com sua filha. Amanhã será um daqueles dias... Eu me viro por aqui.

— Tudo bem. Boa noite, senhor Presidente. Boa noite, senhores — despediu-se com uma reverência contida.

Sua bolsa e sacolas já estavam prontas sobre a pequena mesa da antessala. Durante o almoço, conseguira fazer algumas compras. Planejava chegar em casa cedo: ainda havia roupas para preparar, jantar por fazer e detalhes a resolver para o grande dia. Pegou o comunicador e ligou para Vendya.

— Pode me buscar?

— A caminho, mãe. Achei que você nunca mais fosse sair desse palácio — respondeu a jovem com humor.

Vendya estava na Praça dos Construtores, observando o movimento crescente. As pessoas, apressadas, já se habituavam aos tremores, que agora causavam pouco mais que um incômodo passageiro. Paravam por um instante, ajustavam o passo e seguiam. Mas ela não conseguia ignorar a frequência dos abalos. Como estudante de Engenharia Civil, sabia que aquela região da crosta oceânica era geologicamente instável. *Será apenas um processo de assentamento subterrâneo?* pensava enquanto embarcava no aquomóvel.

O trajeto até o palácio era curto. Arundia já aguardava à entrada.

— Oi, mãe. Boa noite! Vamos logo, estou faminta.

— Oi, minha filha. Como foi o dia? E o estágio?

— Mãããe... — Vendya, explodindo em euforia, esqueceu o volante do aquomóvel, balançando os braços. — Eu consegui! Fui aceita na Polssur Engenharia! Aaaaah, estou tão feliz!

O grito contagiou Arundia que por instinto segurou o volante.

— Aaaaah! Que alegria! Eu tô tão orgulhosa de você! Vai dar tudo certo!

— Vai sim, mãe. A vida vai mudar!

Chegaram em casa com a alegria ainda pulsando. Vendya se jogou no sofá, largando os sapatos e espalhando suas coisas pela sala. Ligou a TV.

— Olha, mãe! Você está na TV!

Arundia se aproximou, curiosa.

— Bonitão ele, né, mãe?

— Ele quem?

— O repórter que te entrevistou. Não deu seu número pra ele?

— Menina! Vá arrumar o que fazer! Melhor ainda, pega essas roupas e esses sapatos e vem me ajudar com o jantar. Não vou fazer tudo sozinha por aqui, não!

Enquanto isso, no Palácio, Hathas ouvia com atenção os cientistas. Lutava para manter o foco.

— Senhor Presidente, os tremores estão se intensificando. Precisamos de mais dados. Algo no leito oceânico não está normal, e isso pode representar um risco grave para a cidade — explicou um dos pesquisadores.

— O governo anterior ignorava esses sinais e subestimava as instabilidades geológicas — completou outro. — Agora, com o aumento das atividades sísmicas, a situação exige mais atenção.

— Entendo. Agradeço o empenho de vocês. Vamos liberar recursos emergenciais para a aquisição de novos equipamentos. Após a assinatura da adesão, teremos acesso à tecnologia de ponta dos mundos da UPC. Durante décadas, os monarquistas concentraram investimentos na indústria e na frota espacial — áreas onde tinham interesses próprios —

e deixaram a ciência de lado. Isso não se repetirá. Mantenham os estudos. Coordenem os esforços com a Defesa Civil. Quero uma nova reunião agendada para a próxima semana.

— Senhor Presidente, é reconfortante ouvir isso. Ter um líder que acredita na ciência faz toda a diferença.

— Também acredito nisso. Tenham uma boa noite — concluiu Hathas, encerrando a reunião.

Quando o último dos cientistas saiu, ele suspirou. Estava exausto. Estralou os dedos, novamente. *Mais um problema*. O general já havia reforçado o patrulhamento das ruas. As forças de segurança protegiam o Palácio e áreas-chave da cidade. A frota espacial ainda se recuperava da Batalha do Cruzeiro, travada duas décadas atrás. Desde então, os recursos haviam sido redirecionados para a reconstrução social e científica do planeta, deixando as defesas estratégicas em segundo plano.

Sentou-se por um instante em sua cadeira, relendo o discurso. Estava bom. Forte. Inspirador. O prédio tremeu. Um novo abalo, mais intenso que os anteriores. Levantou-se, pegou sua pasta e dirigiu-se ao estacionamento. Era hora de ir para casa. Dormir — ou pelo menos tentar.

Na superfície, sob os intensos raios esbranquiçados do sol de Canopus, o dia já ia avançado. Nas profundezas escuras do oceano, no entanto, a cidade de Larantis começava a despertar com movimento febril; portas automáticas se abriam, apresentando produtos dos mais variados tipos. Cores vibrantes para uma cidade vibrante.

Hathas já se encontrava no Palácio. Vendya acabara de deixar a mãe no trabalho e seguia para a universidade. Surion, sempre à frente, já montava os equipamentos na Praça dos Construtores.

No espaçoporto orbital de Yulun, a imensa nave *UPC Ragnarok* finalizava seu acoplamento. Seu comandante, **Capitão Muriell Angellus**, um veterano goodlesiano da Batalha do Cruzeiro, reconhecido por sua liderança firme e lealdade inabalável. A bordo, estavam membros de sua tripulação de confiança:

- **Comandante Lukin Gar II**, um oficial capelino de olhar astuto e voz vibrante.
- **Tenente-Comandante Azrael**, piloto hábil e companheiro inseparável de Muriell desde os dias sombrios na prisão de Agator.
- **Tenente-Comandante Tyran Alheus**, herdeiro do trono de Antares que abdicara da coroa para servir como médico na frota confederada — e um dos melhores em sua área.
- **Tenente Heindell**, oficial de ciências de Goodles.
- **Tenente Anrilla Monsulla**, chefe de segurança, severa e implacável, encarregada da proteção dos passageiros ilustres.

E que passageiros! Estavam a bordo:

- **Ivirima Utrei**, Chanceler das Embaixadas da UPC, representando o governo central.
- **Alexander Bloop**, embaixador de Canopus.
- **Emeriel**, embaixador de Goodles.
- **Rinal Ambri Solus**, representante de Canus.
- **Roshima Alheus**, primo de Tyran e diplomata de Antares.

Com eles, chegou também à nave diplomática *Lumin*, enviada pelo governo de Juliet, trazendo o conselheiro-chefe **Jorian Rot** — convidado de honra da cerimônia. O presidente Gabriel, sobrecarregado com os preparativos para as eleições da UPC após a morte de Plínio Chartô, não pôde comparecer.

— Capitão, pouso completo — anunciou Azrael, dando uma piscadela amistosa.

— Obrigado, Tenente. Comunicação, canal aberto para toda a nave.

— Canal aberto, senhor.

— Atenção, tripulação. Acabamos de pousar no espaçoporto de Canopus. Como sabem, hoje participamos de um evento histórico para a galáxia. Vocês estão de folga e podem aproveitar as festividades na capital submersa de Larantis. A cidade é seca e segura, sem necessidade de implantes. Boa estadia a todos.

— Uma folga, finalmente — desabafou Tyran, aliviado. — Dois meses sem um dia de descanso.

— Duvido que você vá descansar, amigo — retrucou Muriell, sorrindo. — Lá embaixo, você não é um simples médico... é o Imperador de Antares.

— Por favor, nem me lembre disso — Tyran ficou ruborizado.

— Comandante Gar, a nave é sua. Sem folga para você.

— Já contava com isso, Capitão.

— Azrael, Heindell, Monsulla, vocês vêm?

— Claro. Só vou pegar minha mochila — Azrael saiu apressado.

— Eu fico. Detectei leituras incomuns nos sensores. Quero checar — Seu semblante sério mostrou ao Capitão que ele não se interessava por sociabilidades.

— E eu preciso ficar de babá dos embaixadores — resmungou Monsulla.

Muriell acenou e entrou no tubo de transporte.

— Heindell, me mande um relatório. Monsulla, boa sorte com os diplomatas. A ponte é sua, Comandante Gar.

Azrael, ao entrar em sua cabine, parou por um instante. Seus olhos se fixaram na espada ancestral pendurada na parede. Um calafrio percorreu sua espinha. *Goodlesianos sentem calafrios?* pensou. Era a primeira vez. Algo estava errado. Um pressentimento. A

sensação de despedida. O velho vaticínio... Todo goodlesiano tem seu *espelho vazzioniano* — uma versão sombria de si mesmo — destinado a um combate final. A destruição de ambos é o destino. Seria ali? Em Canopus?

Hesitou. Foi até a porta. Parou. Voltou. Pegou a espada, prendeu-a nas costas e saiu em silêncio. O teleporte o aguardava.

No Palácio, a correria era incontrolável. Alimentos, bebidas, cadeiras, estandartes.

— E o som? Já testaram? — gritava Arundia. — Essa mesa vai lá pra frente! Esse palanque aqui! O microfone não funciona! E os garçons do jantar? Sumiram?

— Ai! — reclamou Hathas, ao ser espetado.

— Perdão, senhor Presidente — disse o alfaiate, finalizando os últimos pontos da roupa de gala.

— Tudo bem. Me manteve acordado... — sorriu. — Já viu essa quantidade de animais migrando por aqui? Olhe para o alto da cúpula...

— Senhor?

— Os animais marinhos. Nunca vi tantos juntos. Parece que estão fugindo.

— Deve ser alguma migração natural. Por favor, fique quieto ou vou espetá-lo de novo.

— Ah, sim. Claro...

Arundia entrou como um furacão.

— Senhor, tudo certo com a roupa?

— Sim. Últimos ajustes. Acho que perdi uns quilos.

— Os embaixadores já estão hospedados. Chegaram há meia hora.

Um tremor forte sacudiu a sala. Arundia se apoiou na parede.

— Esse foi intenso. Espero que as taças não tenham virado pó.

— Vá almoçar, Arundia. Eu me viro por aqui.

Os hotéis estavam lotados. Cada embaixador, devidamente acomodado nos melhores quartos.

Instalados no estúdio móvel na Praça dos Construtores:

— Três, dois, um... estamos no ar.

Surion, de frente para a câmera, sorria com convicção.

— Bom dia, amigos de Yulun! A cidade de Larantis está em festa! Recebemos hoje embaixadores de toda a galáxia e a Chanceler da UPC, representando o governo central. As ruas estão repletas de cidadãos animados! A cerimônia começa às 16h com discursos,

seguidos de apresentações artísticas e a assinatura da adesão. Mais tarde, o jantar de gala exclusivo onde embaixadores e governos vão comemorar! Continuem ligados conosco!

— Corta! Excelente, Surion. Vamos direto pro Palácio!

— Agora sim, Ruper, entrando no meu ritmo! — brincou Surion, batendo no ombro do companheiro antes de entrarem no aquomóvel.

Enquanto isso, já no hotel, Muriell observava Azrael e sua imponente espada presa às costas.

— E isso? Pra quê?

Azrael ficou sério.

— Senti algo. Um calafrio... uma presença.

— Aqui? Justamente aqui?

— Não sei. Meus sonhos nunca mostraram um mundo oceânico... só ruínas.

— Espero que seja só impressão. Não quero te perder. Você me faria falta — Muriell, abraçou o amigo.

— Ei! Sem drama, capitão. Ainda estou aqui. E se for minha hora, estarei nos braços da Autoridade... de volta ao começo. Em paz.

— Em paz — repetiu Muriell.

— Oi — falou Surion, aproximando-se de Arundia perto do palanque.

— Oi... você de novo? — estranhou ela ao reconhecer o repórter. — Olha, não adianta me cercar: não vou soltar nenhum furo sobre o meu chefe!

Surion ergueu as mãos, em rendição, visivelmente constrangido.

— Tudo bem, não vim em busca de segredos. Queria só cumprimentá-la; você estava tão apressada naquele dia...

— Shhh, agora silêncio. O Presidente vai começar o discurso — cortou Arundia, lançando-lhe um olhar de soslaio. *Não é que ele é bonito?*, pensou.

O palanque erguido na Praça dos Construtores exibia estandartes do Governo Popular: uma gota d'água verde sobre fundo de mata, símbolo dos dois grandes biomas de Yulun. Ao lado, tremulavam as flâmulas da UPC e as armas dos quatro planetas fundadores — Antares, Capela, Goodles e Canus. Mais de dois milhões de pessoas lotavam a praça, num marco histórico transmitido por telões nas vias adjacentes.

Arundia, na área de imprensa, encontrava-se ao lado de Surion. Forças de segurança espalhavam-se em pontos estratégicos. A tenente Anrilla Monsulla revistara toda a malha de proteção; o tenente-comandante Azrael, ainda abalado pelos presságios, patrulhava entre a multidão. A espada ancestral repousava oculta sob suas grandes asas brancas; no peito, brilhava a insígnia da Flor-de-Lis — emblema da Frota Branca. No palco, o capitão

Muriell observava tudo com atenção redobrada desde que ouvira os temores do amigo: se o dia fatídico chegara, um vazzioniano estaria ali, infiltrado.

O prefeito de Larantis concluiu seu breve discurso e convidou Hathas Alvionre ao púlpito. O Presidente, num terno simples, cumprimentou cada autoridade antes de encarar a multidão. Suas folhas, amassadas de tanto manuseio, substituíam o *pad* que ele vivia perdendo. À frente da estátua de três operários erguendo um monólito — símbolo da fundação da cidade —, Hathas respirou fundo e começou:

— Caríssimos amigos e companheiros da UPC, senhora Chanceler, excelentíssimos embaixadores, autoridades, povo de Yulun! Hoje é um dia especial. Yulun inicia uma nova história — uma história que ecoará no coração e na vida de nosso povo. Estamos ante uma estrada fértil, ladeada por novos companheiros que nos ajudarão a semear um futuro melhor, não apenas em tecnologia, mas em qualidade de vida e em paz. Caminharemos juntos, sob o espírito da União, algo que nosso povo conhece bem: colaborar, aprender e ensinar. Nesta praça que celebra a força coletiva, na presença de culturas irmãs, Yulun assume o compromisso de levar paz à galáxia segundo os preceitos da União dos Planetas Confederados. Sejam bem-vindos ao nosso planeta. Celebremos a União. Celebremos a diversidade. Celebremos Yulun. Obrigado.

A praça explodiu em aplausos; quem estava sentado ergueu-se em júbilo. Hathas, súbito desidratado, sorveu um gole d'água e recebeu os cumprimentos. Trouxeram-lhe um tomo de capa azul, ornado em branco e amarelo, contendo o protocolo de adesão, redigido em cinco línguas. A Chanceler estendeu-lhe a caneta; as câmeras gravaram cada assinatura.

Estava feito: Canopus pertencia, dali em diante, à UPC.

— Belo discurso — murmurou Surion. — Arundia, se tiver um tempo na semana que vem... quem sabe um jantar? — Ele não desviava os olhos dela: beleza serena, cabelos loiros raros entre yulungs.

Arundia arqueou a sobancelha, surpresa.

— Meu nome é Surion... — começou ele, sem jeito.

— Eu sei; vejo você na TV — enquanto pegava um cartão no bolso e entregava-lhe — Podemos conversar, senhor Surion. Mas não sou qualquer uma, ouviu? Tudo nos conformes. Agora, o trabalho me espera. — Sorriu e partiu rumo ao palanque. Hathas já a procurava.

— Finalmente, Arundia! — suspirou o Presidente. — O que achou? Tremi muito na transmissão?

— Foi ótimo, senhor. Beba mais água. Daqui a pouco é o jantar e então, quem sabe, o descanso.

— Dois dias em Olemus, na casa da mamãe, com guisado de algas e rede pra dormir.

Arundia riu.

— O senhor merece; eu, porém, ainda preciso trabalhar!

Surion, encantado, quase saltou de alegria ao ler o cartão: *Arundia Pastaz, Secretária Executiva. Linda, inteligente, temperamento forte... Estou perdido*, pensou, entrando no furgão.

Antes de entrar no ar para o jornal da noite, um tremor sacudiu o veículo, derrubando fitas e equipamentos.

— Esses abalos não vão parar? — resmungou. — Preciso investigar isso quando tudo acabar.

Azrael patrulhou ruelas e praças cheias de canopulanos de pele azul-esverdeada, aqui e ali um estrangeiro inconfundível. Nada suspeito, mas a sensação permanecia: sua contraparte, Mawhab, estava próxima. Relutante em pronunciar o nome — para não atraí-lo —, voltou ao hotel para vestir o uniforme de gala.

A bordo da *Ragnarok*, a tensão aumentava.

— Comandante Gar! — chamou Heindell, que não desviara o olhar dos sensores o dia inteiro.

— O que foi, Tenente? — Gar lia relatórios na cadeira de comando.

— Formou-se uma tempestade colossal ao norte do planeta. Vamos perder a comunicação quando ela crescer. Há uma concentração de energia anômala sobre uma fenda submarina, e essas fissuras conectam-se numa extensa malha. Se a energia se dissipar num sismo, o resultado pode ser um abalo planetário.

— Precisamos avisar o Capitão Muriell antes de sermos cortados. Capitão, na escuta? — Ruído estático. — Já perdemos o canal, Alferes Uliol?

— Sinal fraquíssimo, senhor. Tentarei a antena principal.

— Capitão Muriell, responda!

— Alguém está interferindo nas comunicações na zona do Palácio, Comandante — informou o alferes.

— Descubram a fonte! Heindell, continue monitorando. Alerta Amarelo!

As luzes da *Ragnarok* tingiram-se de âmbar. O instinto de Gar jamais falhara — e dizia-lhe que algo terrível estava prestes a ocorrer.

Hathas vestiu-se ali mesmo, no gabinete. Ainda sentia a garganta seca. *Maldita sede, que discurso foi aquele!* Um jantar, apenas um jantar, e tudo estaria concluído. Enquanto ajustava o colarinho, a porta se abriu.

— Uau, mas veja só quem está elegante! — assoviou Alexander em concordância e dando um abraço caloroso. — Discurso direto, sincero, sem bajulações. Perfeito.

— Se tivesse sido você o autor, teria saído ainda melhor — resmungou Hathas, deixando que o amigo ajeitasse sua gravata.

— E todo mundo ia perceber — acrescentou Alexander, sorrindo. — O seu tem alma. E agora é oficial: somos parte da UPC. Um novo ciclo para nosso povo... fico até emocionado.

— Você e Zustras foram os artífices disso tudo. Eu só representei. Agora não chore aqui, vai acabar molhando minha gravata — brincou Hathas, enxugando uma lágrima que escorria.

— Não dá pra evitar... você sabe como sou.

— Vamos. Me acompanhe até o salão. Hoje, dançamos ao ritmo desses tremores.

— Eles aumentaram muito, Hathas... está mais frequente. O que está acontecendo?

— Já temos cientistas investigando. Os monarquistas negligenciaram a pesquisa geológica por anos, mas reativei os estudos. Suspeitam de um tremor mais forte, talvez em breve. Mas, por enquanto, nada alarmante. A Defesa Civil está em prontidão.

— Malditos monarquistas — murmurou Alexander.

— Deixe isso pra depois. Hoje, celebramos. — E, com o braço em volta do amigo, guiou-o até a festa.

O salão já estava repleto de convidados e jornalistas. Surion, agora devidamente vestido — ou quase —, ajeitava o fraque gasto diante de qualquer superfície reflexiva. Não pretendia chamar atenção, mas com Arundia ali... a vaidade bateu à porta. *Nota mental: comprar um fraque novo.*

As entrevistas começaram. Primeiro, os estrangeiros. A Chanceler concederia uma exclusiva. Os embaixadores se revezavam, um por um. Mas... e os garçons?

Arundia, esplendorosa num vestido preto cintilante, descia furiosa para a cozinha.

— Com mil cardumes! Onde estão os garçons?

Encontrou-os... se trocando na própria cozinha.

— Isso é inaceitável! Vocês já deveriam estar servindo! Estão sendo bem pagos, então mexam-se! — bradou, sem paciência.

Logo, mais de cinquenta garçons invadiram o salão trajando uniformes azul-ciano. Porém, algo neles destoava. Movimentos engessados, rostos tensos. Alguns mal sabiam carregar uma bandeja. Surion observava. Aquilo não era normal. Quando se aproximou de Arundia para dançar, aproveitou para sondar:

— Arundia, de onde vieram esses garçons?

— Não sei. Chegaram atrasados, se trocaram na cozinha... um verdadeiro desrespeito. Já decidi: amanhã vou relatar isso à empresa.

Enquanto ela falava, Surion mal ouvia. Algo estava errado. Eles estavam... cercados.

Na outra ponta do salão, Azrael ria com seus companheiros, mas ficou rígido ao sentir o calafrio. De novo. E agora, mais intenso. Um canopolano se posicionava atrás de Tyran. Os olhares se cruzaram. Era ele.

Quatro tiros para o alto! Um dos "garçons" levantou a pistola. O salão congelou.

Em segundos, dezenas de armas foram sacadas. As saídas, bloqueadas. Seguranças, abatidos com precisão. A mesa da UPC reagiria, mas o homem atrás de Tyran já encostava a arma em sua nuca. Eles estavam rendidos. Phasers tomados. A espada de Azrael, arrancada. Levaram-nos a um canto. Os olhos de Muriell ardiam de raiva.

O "garçom" que liderava subiu na mesa.

— Silêncio! Meu nome é Eadig Morlan. Primo da legítima Rainha de Yulun. Esta noite, tomamos o que nos foi tirado. Vocês, traidores da monarquia, estão presos. Os estrangeiros serão trocados por resgate. E se for preciso sangue... ele será derramado.

Amarrados com cordas de lingu — um tipo resistente de alga do planeta —, todos foram arrastados pelos salões do antigo castelo monárquico. Porões frios voltaram à ativa: as velhas celas. Quarenta delas, ocupadas. Hathas, Surion, Arundia, embaixadores, os oficiais da *Ragnarok*. Tudo perdido?

— Capitão — sussurrou Azrael —, você viu as armas deles?

— Vi. Armas vazzionianas. Você estava certo... eles estão aqui. Muriell lançou um olhar discreto ao guarda próximo, desconfiando se não seria um vazzioniano disfarçado por magia.

— E a Tenente Monsulla? — lembrou-se Tyran.

— Vi ela cair... um tiro perto da porta principal. Não sei se está viva — esclareceu Surion, da cela ao lado.

— Como saímos daqui? — Hathas apoiou a cabeça nas grossas grades de metal, tentando focar seu pensamento em uma maneira de fugir.

— Você acha que podemos negociar, Presidente? — Tyran já tinha passado por esses problemas em seu próprio planeta, Antares e a negociação com o povo foi o melhor caminho.

— Você acha mesmo que esses monarquistas querem negociar algo, Tyran? — repreendeu Alexander. — Eles querem vingança. O povo escolheu um governo popular. A monarquia jamais aceitaria isso.

— Ainda assim, temos que tentar, Alexander — Hathas apertou o rosto com raiva contra as grades tentando ver mais adiante se não havia mais monarquistas. Ele se voltou para o guarda. — Ei, rapaz. Chame Morlan. Podemos conversar. Chegar a um acordo. Podemos falar com a Rainha Dosmares e acabar com isso.

O jovem canopolano olhou para eles. Devia ter no máximo dezoito anos. Estava indeciso, trocando o peso de uma perna para a outra, os dedos próximos da arma na cinta.

— Vou chamá-lo — disse, a voz carregada de receio.

A figura de Morlan surgiu no topo da escadaria, preenchendo os degraus com sua presença imponente. Alto, corpulento, o peso excessivo moldava o jeito pesado de se mover. A pele lustrosa ostentava manchas amareladas, e os olhos cansados anunciavam tanto desgaste quanto obstinação. A cada passo, o chão parecia ceder um pouco.

Hathas se adiantou nas grades.

— Morlan. Podemos negociar. Não precisamos chegar a esse ponto. Yulun é grande. A Rainha não precisa disso.

Morlan manteve-se sério; seu rosto era um retrato de mágoa e raiva contida. Fitou os olhos de Hathas com amargura.

— Você não passou pelo que nós passamos. Lâminas em nossos pescoços, Alvionre. Lâminas! Crianças acuadas. Uma avó tremendo de medo por seus netos. Como acha que foi aquilo para nós? Já estávamos vencidos! Mesmo assim, vocês escolheram ameaças e violência.

— Nós não sabíamos de nada disso, Morlan. Eles foram impulsivos. A culpa é minha. Toda minha. Eu dei a ideia, sem pensar! Não era para ter acontecido assim.

— Eu sei que foi sua culpa. Acha que não sabemos? Mas você não tem ninguém a quem se apegar. Procuramos sua família, estive com sua mãe na minha mira, mas não ia fazer isso. Resolvi que era você quem devia pagar. E você vai. Vai ser o primeiro entre muitos. Eu prometo.

Morlan virou-se e subiu as escadas, sem dar atenção aos gritos e pedidos.

Uma voz ergueu-se no fundo.

— Posso dar um jeito — falou Jorian Rot, o Conselheiro Chefe de Juliet. — Mas vou precisar de vocês depois. Ficarei vulnerável por uma hora. Capitão, houve alguma comunicação da *Ragnarok*?

— Não. Achei que fosse por causa da tempestade... — disse Muriell.

— Não foi só isso. Fomos monitorados desde que encontramos a nave paracelsiana. Este ataque não é coincidência.

— Comandante Gar! — chamou Heindell na ponte da *Ragnarok*.

— O que houve?

— Tremor catastrófico confirmado. Epicentro sob a plataforma do norte. As fendas estão se abrindo. A cidade de Larantis está sobre uma delas. Ondas colossais... vão engolir tudo!

— Alerta máximo! Vamos entrar na atmosfera! Eu mesmo assumo o leme! Enfermeiros aos postos! Ativar teleportes! Alferes Uliol, peça socorro à Frota Branca! Avise: cataclisma planetário! Chame a *Lumin* para nos seguir e se preparar para evacuação!

A *Ragnarok* balançava sob a fúria dos céus de Canopus. Gar, no comando, sentia o peso da responsabilidade. Que Egrom o iluminasse.

— Vou me tornar insubstancial... pegar as chaves do carcereiro. Depois disso, vou desmaiar e vou precisar ser carregado — explicou Rot.

— Então estaremos por nossa conta — anunciou Muriell, já se preparando para o impossível.

As armas estavam amontoadas num canto próximo ao vigia. Jorian Rot fechou os olhos, concentrando-se. Seu corpo, antes palpável, tornou-se translúcido, etéreo como um espectro. Atravessou as grades da cela em silêncio absoluto, um fantasma entre os vivos. O canopolano só percebeu sua presença tarde demais: Jorian estendeu a mão e a enfiou direto em seu peito. Quando a retirou, o guarda tombou no chão — morto, desmaiado, ninguém soube ao certo. Rot cambaleou, voltando à forma material, e caiu ofegante junto à grade.

Muriell, com esforço e um toque de magia, puxou as chaves até si. Libertou os oficiais, que rapidamente recuperaram suas armas. Azrael empunhou sua espada ancestral e passou um phaser ao embaixador Alexander, que agora carregava Jorian nas costas.

— Cuidem-se, meus amigos. Meu tempo chegou. Foi uma honra lutar ao lado de vocês.

Muriell apertou-lhe o ombro, firme.

— Que a Autoridade o receba em seus braços. Até nosso próximo encontro.

Sem hesitar, Azrael subiu pela escadaria, espada em punho.

— Vamos sair daqui! — ordenou Muriell. — Phasers em modo atordoante. Sem matança. Depois cuidaremos disso.

Mas antes que pudessem avançar, o palácio inteiro tremeu como se estivesse prestes a desabar.

— Mudança de planos! — gritou Muriell, abafando os gritos de pânico. — Precisamos evacuar agora! O prédio vai ruir!

Subiram como puderam. Poeira enchia o ar, placas de pedra despencavam do teto, e o chão desabava sob os pés de quem não fosse rápido. Muitos foram tragados pelas rachaduras do subsolo.

— Por aqui! — Hathas apontou para a porta na direção sul do Palácio, liderando os sobreviventes. — A ala sul tem uma saída!

Muriell e Tyran se separaram, vasculhando o salão em busca de Monsulla. O caos era indescritível. Rocha, vidro e metal caíam como lâminas mortais. Os monarquistas, agora em pânico, tentavam fugir, mas sucumbiam como os demais. Eadig Morlan, seu líder, jazia morto, trespassado por uma viga.

— Por aquela porta! Corram! — gritava Hathas, mas se recusava a ir.

— Venha, Hathas! — chamou Alexander, ofegante com o peso do Conselheiro-Chefe em seus ombros.

— Só depois que o último sair! Não vou deixar meu povo perecer.

Hathas sentiu uma fisgada no estômago ao ver os corpos no salão e o povo correndo nas ruas. Dispersou-se na tristeza que tomava seu peito, sem saber o que fazer. Correr? Gritar? Como estaria sua mãe? Congelado naquele lugar, com o chão a ondular, ele não viu nem

escutou o estrondo da explosão da cúpula de vidro do palácio. Só viu Arundia correndo à sua frente com o repórter. De súbito, correu até ela; o mundo desabava sobre a cabeça de sua secretária.

— Não! Arundia! — saltou Hathas, lançando-se à frente.

Ele empurrou a secretária para longe no último segundo. Surion a agarrou, protegendo-a enquanto a chuva de vidro se cravava no corpo do presidente. Cortado, perfurado, Hathas caiu. Ainda teve tempo de olhar, uma última vez, para o salão devastado, para as portas escancaradas e os corpos no chão de mármore verde-água. Seu planeta... sua cidade... Larantis. Água gelada do mar molhou sua face, a cúpula rachara. E então, fechou os olhos. Silencioso.

— Presidente! Não! — desesperou-se Arundia, aos prantos.

— Vamos, Arundia! — disse Surion, puxando-a. Arundia tropeçava, abrindo caminho entre vigas retorcidas e o chão instável. — A saída sul está bloqueada. Resta escapar pelas escadas, antes que tudo ruía como um castelo de areia na praia.

Enquanto isso, nas ruas de Larantis, Azrael caminhava como um caçador. Espada em riste. Sentia-o perto. O caos era total: edifícios desabando, veículos explodindo, pessoas gritando.

Um golpe veio por trás. Azrael aparou. Era ele.

Mawhab.

A contraparte.

Asas membranosas, olhos amarelos, pele rubra em brasa. Dois chifres curvavam-se sobre a testa.

— Chegamos ao fim, Azrael. Ou perecemos um pelo outro... ou pelo planeta.

— Está na hora de desaparecer, sombra maldita.

E atacou.

Espadas colidiram em fúria. Golpes, bloqueios, ferimentos. A cidade se partia sob seus pés. Um abismo rasgou o chão. Azrael se desequilibrou. Mawhab desferiu o golpe fatal — mas abriu a guarda. Azrael aproveitou. As lâminas brilharam. A cabeça de Mawhab rolou, incrédula. Azrael tombou junto, mortalmente ferido.

Ambos foram tragados pela fenda.

Do lado de fora, Vendya gritava:

— Mãe! Mãe!

Arundia corria, ensanguentada, e caiu nos braços da filha.

— Não temos tempo! — puxou-as Surion. — O carro!

Mas o automóvel despencou em um abismo na rua. Um prédio inteiro colapsara sobre ele.

— Entrem no furgão! — gritou Surion.

Vendya correu até o volante.

— Eu dirijo!

Acelerou para o alto, rumo às docas. A cúpula de vidroaço rachou de vez. Em um rugido, o oceano irrompeu. A cidade de Larantis estava condenada. Veículos de todos os tipos tentavam fugir. Yulungs jovens, velhos, crianças e quem mais pudesse escapar do caos que engolia a cidade. Uns ajudando os outros. Veículos abarrotados de pessoas que tentavam salvar outras, sem laços, apenas irmãos do mesmo planeta.

Na *Ragnarok*, o caos também era real.

— Quero todos os teleportes ativos! — gritava Gar. — Salvem quem puderem!

— Afirmativo, Comandante! — Shansay, da engenharia, redirecionava a energia auxiliar para os painéis de teleporte e a biometria. — Estamos fazendo o possível.

— Encontrei parte da tripulação! Estou trazendo a bordo! — comunicou um oficial.

A nave oscilava violentamente. A tempestade rugia, raios golpeavam o casco. Um megatsunami se aproximava.

— Quantos salvamos? — perguntou Gar.

— Capitão Muriell, Dr. Tyran, o embaixador Alheus, o embaixador Bloop... e mais de 250 civis — respondeu Shansay. — Mas perdemos muitos sinais. Não consigo travar mais teleportes.

— E a *Lumin*?

— Eles resgataram mais de 300, Comandante.

— É hora de sair. Não podemos ficar!

Gar assumiu o controle e lançou a *Ragnarok* para o espaço. A *Lumin* a seguiu. O leito oceânico rompeu-se. Uma fenda colossal se abriu, engolindo o que restava de Larantis. Milhões morreram no terremoto. Milhares no maremoto. Outros tantos foram arrastados para o abismo sem fundo e nunca mais encontrados.

Alguns conseguiram escapar — em veículos, tubos de transporte, cavernas marinhas. Arundia, Vendya e Surion ficaram presos por doze horas num tubo de transporte. Eles não perceberam, mas a traseira do furgão estava cheia de pessoas que tentavam se proteger. O furgão foi uma arca. Doze pessoas salvas. Os tubos salvaram vidas; o resgate encontrou mais de seis mil pessoas ali.

Mas as perdas foram imensas. Azrael. Monsulla. Hathas Alvionre. Rinal Solus. Ivirima Utrei. Todos estavam entre os mortos. Por trinta horas, naves da UPC vasculharam o planeta, resgatando sobreviventes. Canopus pagará caro por negar a ciência. A monarquia, seus cúmplices e seus erros foram soterrados junto ao palácio.

Seis meses depois, Larantis renascia — a quilômetros de distância da fenda oceânica que agora levava seu nome. Como membro pleno da UPC, Canopus recebeu ajuda de todos os mundos irmãos.

Na órbita, a *Ragnarok* observava a cerimônia. Um pináculo branco, fincado nas bordas da fenda, subia até a superfície do oceano. No topo, um farol de dilítio brilhava eternamente. Um desenho feito por uma sobrevivente, Vendya Pastaz. Um marco para os mortos. Um lembrete para os vivos.

A luz de Larantis jamais seria esquecida.